

EVIDENCIA TESTIMONIAL GEORG GRODDECK. INDEPSI - ALSF.

O FUÇADOR DAS ALMAS (O Livro disse).



Em 1913, Georg Groddeck publicava seu sétimo livro, *Nasamecu*, título formado a partir de *Natura sanat, medicus curat*: a natureza sara, o médico cura. Nessa obra -cujo título já apresentava o programa a que ele permaneceria sempre fiel- Groddeck falava dos ossos, dos músculos, da alimentação, da circulação sanguínea, dos olhos e outros temas conexos e de como tudo isso se apresentava no homem sadio e no homem doente. Era uma discussão e uma explicação de alguns problemas que se apresentam para o corpo humano (ou, como diria ele, que o corpo humano se apresenta) e de como Groddeck os enfrentava. O livro quase poderia ser tomado como uma espécie de manual de auto-auxílio médico, mesmo que não fosse essa a intenção (maliciosa) de Groddeck. E tanto poderia ser tomado por isso que de fato foi. Alguns anos após a publicação de *Nasamecu*, Groddeck recebe uma carta de um australiano, de que nunca ouvira falar, contando como aquele livro lhe salvara a vida. Aquele estranho lhe dizia que viajava pelo interior da Austrália quando ficou seriamente doente. Não havia por ali, no interior, assistência médica. Como sempre. Mas o missivista ouvira falar de um certo homem que vivia perto e que, dizia-se, fazia milagres. Era sua única e provavelmente última alternativa: foi procurá-lo. E curou-se. Mais tarde, aquele santo milagroso confessou-lhe que na verdade não era médico, mas tinha um livro que o ajudava em suas curas, um livro maravilhoso. O livro, claro, era *Nasamecu*.

Isso deve ter acontecido muitas outras vezes, com esse e outros livros de Groddeck. Eu mesmo gosto de acreditar que um outro livro seu, exatamente este *Livro disse*, me salvou (e eu talvez lhe deva- mais do que consigo ou quero admitir). Se é assim, como é que ninguém ainda ouviu falar em Groddeck, particularmente no Brasil? Groddeck, a quem Freud, o próprio Freud, deve se não o conceito pelo menos a expressão *das Es*, mais conhecido como Id e que na verdade é o Isso? Há uns quatro anos, escrevendo um artigo para um jornal sobre Groddeck, tive a curiosidade de saber se a biblioteca do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo tinha em seu acervo algum livro dele. Não tinha. Quando se observa que as primeiras edições comerciais dos livros de Groddeck fora da Alemanha, que começaram a divulgar seu nome *do lado de cá* (para o Brasil, mas Inglaterra e França poderiam incluir-se aí também, já a Alemanha faz parte do outro, do outro lado, já é quase um oriente), datam do começo da década de 60, não se estranha muito que em fins de 70 esse material ainda não tivesse chegado por aqui. Esse atraso, para nós, como sempre, significa trem no horário. Mesmo assim, é um atraso considerável, para nós e para qualquer outro. França e Inglaterra inclusive, que se responsabilizaram por essa redivulgação. Afinal, *O Livro disse* é de 1923. Por que esse desconhecimento, essa negligência? Durrell, em seu prefácio, tem bastante razão quando lembra que isso se deve essencialmente ao fato de Groddeck nunca ter cedido à tentação de fundar uma Sociedade Groddeckiana de Psicanálise, nos moldes das sociedades responsáveis pela divulgação das obras de Freud ou Jung. Como sabe um bom agente literário, toda obra, por melhor que seja, necessita de um processo de implementação sem a qual ela não aparece e frutifica. Claro, não exageremos, Freud e Jung não precisaram disso. Mas tiveram suas sociedades, que os perpetuaram. Groddeck não aceitou a beatificação. Nunca poderia.

Mas essa é apenas parte da negligência -se é essa a palavra- mostrada para com Groddeck. Há outras. A resistência do próprio Freud, que reconheceu por escrito sua dívida com Groddeck no caso da designação *das Es* (embora seu conceito disso fosse mais restrito que o de Groddeck), tem seu papel nesse jogo. Como é possível ver na correspondência entre ambos, Freud freqüentemente acha que Groddeck exagera, se-deixa levar por sua imaginação; em mais de uma ocasião, Freud faz questão de ressaltar que não subscreve de modo algum certas colocações de Groddeck e não deixa-de exortá-lo a voltar para o “bom caminho”, quer

dizer, o caminho de Freud. Tudo bem, afinal Freud era um homem, podia ter suas recaídas de auto-estima, autoconsideração, de mestre (coisa que Groddeck nunca negou) sentindo-se excedido pelo discípulo. Tudo bem - mas recriminações ou críticas assinadas por um nome como o de Freud não desaparecem propriamente da noite para o dia. E Groddeck, de seu lado, não tanto por retaliação como por convicção, nunca seguiu exatamente os passos do mestre. Ele mesmo gostava, e muito, de chamar-se um analista selvagem - quer dizer, estava à margem, reconhecia isso, reivindicava isso. Os médicos não o aceitaram integralmente, também - pelas razões que se pode ler neste livro - embora sempre lhe encaminhassem seus casos perdidos, seus pacientes desenganados. Os médicos daquele momento e os de hoje, embora a medicina psicossomática seja agora (ou deveria ser) uma veneranda senhora de barbas brancas. Groddeck estava fora dos círculos psicanalíticos que faziam furor no momento, que estavam na moda, e estava fora do circuito tradicional da medicina, isolado em seu sanatório de Baden-Baden. Seu primeiro trabalho era curar, só depois dar conferências e escrever com isso, ficou fora também do circuito acadêmico. Não é de estranhar, portanto, que as universidades brasileiras não tenham ou não tivessem, até bem pouco, livros de Groddeck, seja em que língua for (este parece ser o primeiro, em português, ou no Brasil). E enquanto a universidade continuar acadêmica, este não será um livro para ela.

Este é um livro, antes de mais nada, gostoso de ler. Depois, um livro que ninguém lê impunemente: é o leitor quem está em jogo em cada página, profundamente, visceralmente, existencialmente. Para quem se recusar a este jogo, o livro não serve para nada. Não é um livro de estudo, embora não haja estudo possível, formação alguma, sem a leitura deste livro. É um livro a-sistemático, onde o autor diz e se desdiz apenas para se confirmar e se pôr em dúvida o tempo todo.. Um livro exagerado, como a vida, malicioso, cujo autor sente um evidente prazer em tirar o pêlo do leitor. Onde já se viu? Portanto, é inútil tentar aqui uma esquematização da linha de desenvolvimento do livro, bobagem destacar os elementos a cuja volta o livro se organiza, ou os pontos da teoria de Groddeck. O leitor com formação ou informação psicanalítica reconhecerá isso por conta própria. O leitor comum (o que é isso?) não precisa dessas coisas. Basta entregar-se ao prazer da leitura e a esse outro prazer, não raro incômodo: a autodescoberta.

Este livro, numa palavra, é sobre tudo. É sobre o homem, sobre o mundo, sobre a cultura. Sobre tudo, sobre sempre. É uma leitura das lendas, dos mitos religiosos, da família, da doença, do doente, do médico, do sexo, da vida, da morte, dos excrementos, da filosofia. Não adianta insistir na procura das variações: é um livro sobre o homem; um livro sobre tudo isso. Uma revelação, uma operação de encantamento.

O Livro disso estava pronto em dezembro de 1921, como se lê numa carta de Groddeck a Freud de 4 desse mês. Seu título inicial era *Cartas a uma Amiga sobre a Psicanálise*, assumindo seu nome atual após conversas com Rank ou o próprio Freud, não é possível determinar. Nesse livro está praticamente tudo sobre Groddeck e sua teoria. A amiga é imaginária, quem assina as cartas é um médico fantasma, amigo de Groddeck, muita coisa é inventada mas tudo é verdadeiro. Ali Groddeck conta como atacou a psicanálise em seus primeiros escritos (justamente em *Nasamecu*) e como se envergonha por isso. Fala de seu abatimento quando descobriu que um outro, Freud, havia divulgado antes dele certas concepções, as da psicanálise, que ele havia descoberto sozinho. Diz como acabou lendo Freud e como se tornou seu discípulo, sem insistir ou mencionar que deu a Freud o conceito de Es, Isso, Id. Mostra que teria chegado aonde chegou mesmo que Freud não tivesse existido. Talvez, até, mais longe: Freud criticou vários trechos do livro e Groddeck remanejou-o por esse e outros motivos, desbastando-o, tornando-o menos agressivo e espantoso do que previsto na versão inicial, a ponto de Groddeck desgostar-se da fatura final, demasiado polida a seu ver. O livro conta suas primeiras descobertas no setor (ao redor de 1911, se é preciso datar; leu Freud em fins de 13, reconhece a primazia de Freud em 15, integra-se ao freudismo em 17), mostra de modo indolor o método intuitivo de trabalho de Groddeck e indica por que poderia ter sido ele o inventor da psicanálise. Mostra também, coisa rara naquele momento e ainda agora, o desprezo criador de Groddeck pela ciência e pela verdade. (Numa carta de fevereiro de 22, Freud faz questão de destacar que não apenas não condiz o pan-psiquismo de Groddeck que raia o misticismo como receia seu desprezo prematuro pela ciência e

pela razão: Groddeck reivindica exatamente tudo isso.) E mostra ainda a atitude fundadora de Groddeck: ele não está preocupado com o modo pelo qual os leitores ou os intelectuais receberão seu livro, o que fariam seguramente com indignação, mas sim com a reação do público para o qual aquele livro, e outros antes e depois, havia sido escrito: seus pacientes. Em maio de 23, ainda em carta a Freud, manifesta que o livro está, sim, tendo seus efeitos entre seus pacientes. Ao contrário do que ainda hoje, inexplicavelmente, se verifica - o médico considerando que o paciente não está à altura de entender e menos ainda discutir seus problemas, que devem ser deixados à competência do médico: conhecemos isso também na área da condução política e econômica do país - Groddeck insistia em que seus pacientes deviam não apenas ser informados sobre o que tinham mas também, especialmente, sobre os princípios gerais, pelo menos, dos princípios teóricos utilizados em seu tratamento. Em seu sanatório, como o chamava, Groddeck reunia assiduamente seus pacientes para fazer-lhes conferências psicanalíticas - não para ilustrá-los mas para que tivessem os meios de reagir a seus males.

É muito, para um livro do gênero? É pouco, quando verificamos que ali vem contada a história de cada um de nós.

Georg Walther Groddeck nasceu a 13 de outubro de 1866 em Bad Kōsen, Alemanha, filho de um médico, Karl Groddeck, cujos escritos teriam sido lidos com particular atenção por Nietzsche. Foi seu pai quem começou a encaminhá-lo para fora da ciência médica de seu tempo, num trabalho continuado depois, na universidade, pelo professor que Groddeck menciona o tempo todo, Ernst Schwenninger, médico de Bismarck. Já naquela época, Schwenninger via a alopatia com extrema reserva (também Groddeck fala com horror do estado de intoxicação por remédios ostentado por muitos dos pacientes que o procuravam). Seguindo essa orientação, Groddeck estabeleceu inicialmente uma sistemática de trabalho baseada em massagens especiais (ele mesmo era capaz de fazê-las), dietas e banhos de água quente, ao que acrescentou, numa segunda fase, seu procedimento analítico.

Groddeck interessou-se amplamente pelas questões da arte (tem mais de um livro sobre o assunto, onde expõe concepções inovadoras como sua análise do feminismo em *Casa de Boneca*, de Ibsen; Jane Fonda não teria feito o filme que fez se tivesse lido Groddeck e descoberto em que consiste o feminismo de Nora). Apaixonou-se também - algo coerente e previsível, dentro de sua obra e prática - pela utopia; leitor de Owen, iniciou uma cooperativa em Baden-Baden, voltada particularmente para o projeto de construções. Publicou ainda um romance, *Der Seelensucher*.

Morreu em conseqüência de um ataque cardíaco em maio de 1934, numa casa de saúde de Knonau, perto de Zurich.

As cartas imaginárias que compõem *O Livro disso* vêm assinadas por um certo Patrik Troll. Groddeck explica o Patrik mas silencia sobre Troll. Tanto quanto sei, tampouco os exegetas mais conhecidos de Groddeck (e ninguém como ele para dizer como detestava os exegetas) manifestaram-se a respeito desse nome. Mas Groddeck sentia tanto prazer, um verdadeiro prazer, um prazer quase infantil - o melhor prazer que existe -, com o jogo das associações, das livre-associações, que seria quase um pecado não tentar esse jogo. Ele riria, benevolmente, quer a associação-interpretação esteja certa ou errada. No máximo, diria que assim é se me parece. O fato é que Groddeck era leitor assíduo de Ibsen, entre outros; em 1910 publicou um livro sobre as peças de Ibsen. Bem, em *Peer Gynt*, uma das personagens importantes é a figura de *troll*, ser mítico do folclore escandinavo, gigante ou anão, habitante das cavernas ou das montanhas F (ou das cavernas nas montanhas), amoral e imoral, capaz de ser homem e mulher, severo e devasso, brincalhão e destruidor. A polaridade é algo fundamental para Groddeck, algo que ele aponta sempre como característica do Isso, essa força que faz o homem agir, pensar, crescer, que o faz sadio ou doente, em suma, que o vive.

E não apenas a polaridade é própria do Isso, do homem, mas essa polaridade do troll, com todas essas oposições que estão o tempo todo no homem, qualquer homem, e que estão o tempo todo em Patrik Troll, malicioso sábio curandeiro, aliás Georg Groddeck. *Se non è vero...* vale assim mesmo; gosto dessa solução e aprendi que o gosto, o prazer, é fundamental na hermenêutica. Ou em qualquer ciência.

Teixeira Coelho.

Versão eletrônica: <http://aneste.org/georg-groddeck-o-livro-disso.html>

Volver a Evidencias Testimoniales Georg Groddeck

Volver a Newsletter 12-ALSF